

A CRÍTICA DE RICHARD RORTY À TEORIA DO CONHECIMENTO E UMA POSSIBILIDADE DE REDESCRIÇÃO

Maria José Pereira Rocha*

“Se não vivéssemos perigosamente [...] tremendo a beira dos precipícios, não estaríamos nunca deprimidos, estou segura disto, mas seríamos cinzentos, fatalistas e velhos”. (V. Woolf, Diário: 2 Agosto de 192)

Resumo: este artigo cumpre o propósito de expor a crítica de Richard Rorty à teoria do conhecimento e ao mesmo tempo tecer a possibilidade de uma redescrição nos moldes rortianos. A primeira etapa do texto pontua a crítica deste filósofo com base no livro **A filosofia e o espelho da natureza**. A segunda trata do pensamento de Rorty na ótica de alguns autores e, finalmente, na terceira, faz-se uma tentativa de redescrição com o foco no filme *As Mil e Uma Noites*.

Palavras-chave: teoria de conhecimento, Richard Rorty, redescrição, cinema

Abstract: This article accomplishes the purpose of exposing Richard Rorty's critique to the theory of knowledge and the same time to weave the possibility of redescription in the Rortian molds. The first part of the text punctuates that philosopher's critique based in the book **The philosophy and the mirror of the nature**. The second deals with Rorty's thought from the perspective of some other authors, and finally in the third stage, there is an attempt to do "redescription" with the focus in the movie *The Thousand and One Nights*.

Keywords: Theory of knowledge, Richard Rorty, redescription, movies

A trilha que quero seguir neste artigo se desenha com base em três traços, quais sejam: no primeiro, quero apresentar a crítica de Richard Rorty à teoria do conhecimento, tendo como referência o seu livro **A filosofia e o espelho da natureza**; no segundo, uma revisão sucinta do pensamento deste autor na concepção de vários autores; e, no terceiro, uma tentativa de uma redescrição nos moldes rortianos.

Para começar, exponho uma breve biografia deste filósofo. Rorty nasceu em Nova York, em 1931, filho de pais considerados trotskistas e que admiravam o liberalismo social de Dewey. A referência teórica deste autor é o neopragmatismo

* Doutora em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Marília, São Paulo. Professora Adjunta no Departamento de Filosofia e Teologia da PUC-Goiás e no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Serviço Social (PPSS-PUC-Goiás). Coordenadora da Rede Goiana de Pesquisa e Estudos de Gênero da Fundação de Amparo a Pesquisa de Goiás (Fapeg). Pesquisadora no Programa Interdisciplinar da Mulher – Estudos e Pesquisas (Pimep), no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Estado, Sociedade e Cidadania (Nupesc-SER – PUC-Goiás), inserida na Linha de Pesquisa Política Social, Movimentos Sociais e Cidadania, no Centro de Estudos em Filosofia Americana e no Núcleo de Investigação de Gênero (NIG) da UCG. Endereço eletrônico: maze@cultura.com.br.

americano. Sua história acadêmica pode ser resumida da seguinte forma: bacharelado e mestrado na Universidade de Chicago. Doutorado na Universidade de Yale, onde foi instrutor. Professor assistente no Wellesley College e na Universidade de Princeton. Foi professor na Universidade de Virginia e faleceu em 08 de junho de 2007. Seus livros mais conhecidos são: **A filosofia e o espelho da natureza, Contingência, Ironia e solidariedade, Verdade e progresso, Pragmatismo e política, Ensaio pragmatistas e O futuro da religião**. Rorty se descrevia como um liberal de esquerda, identificado com a social-democracia. Como filósofo, exercitou a liberdade de criar ou inventar melhores maneiras de viver e cultivou a coragem de desafiar os paradigmas de uma filosofia essencialista e apostou com criatividade no significado da contingência, ao propor tratar todas as abstrações e generalizações como produto do tempo e do acaso.

Ao produzir **A filosofia e o espelho da natureza**, Rorty ensaia uma contundente crítica à teoria do conhecimento ao mostrar sua divergência com a tradição fundadora de Descartes e Kant (das quais a filosofia analítica é uma das derivações mais recentes) e a proposição de uma filosofia ‘edificadora’ de caráter hermenêutico, na qual se inserem Nietzsche, Dewey, Wittgenstein, Heidegger e Gadamer. Com essa proposta, ele rejeita que o conhecimento seja mero resultado de representação mental ou linguística da realidade (RORTY, 1995, p. 23).

Nessa obra, Rorty procura deixar claro o seu rompimento com esse pensamento filosófico tradicional, indicando o que considera um erro de percurso ao afirmar que alguns pensadores estão preocupados com a diferença entre os seres humanos e outros seres e condensados em questões envolvendo a relação entre mente e corpo. Segundo ele, outros se referem à legitimação de reivindicações a conhecer e estão cristalizados em questões envolvendo os “fundamentos” do conhecimento.

Desse modo, a filosofia como disciplina vê a si mesma como uma tentativa de ratificar ou de desbancar asserções de conhecimento feitas pela ciência, moralidade, arte ou religião (RORTY, 1995, p. 19). Rorty, na ampliação de sua crítica à tradição filosófica, assegura que “a filosofia pode ser fundamental com respeito ao resto da cultura porque a cultura é a reunião das asserções de conhecimento e a filosofia adjudica tais asserções”.

Ela pode fazer isso porque compreende a fundamentação do conhecimento e encontra esses fundamentos num estudo do homem como conhecedor de “processos mentais” ou da “atividade de representação”, os quais tornam o conhecimento possível.

Nesse sentido, o autor insiste em que “conhecer é representar acuradamente o que está fora da mente; assim, compreender a possibilidade e natureza do conhecimento é compreender o modo pelo qual a mente é capaz de construir tais representações” (RORTY, 1995, p. 19).

Ao aprofundar sua crítica, Rorty põe em relevo que “a preocupação central da filosofia é ser uma teoria geral da representação, uma teoria que dividirá a cultura nas áreas que representem bem a realidade, aquelas que não a representem de modo algum (apesar da pretensão de fazê-lo)”.

Para corroborar esses argumentos, Rorty (1995, p. 20) renova ao dizer:

Do século XVII, herdamos particularmente de Locke, a noção de uma ‘teoria do conhecimento’ baseada numa compreensão dos ‘processos mentais’. A herança continua no mesmo período com Descartes no que se refere a noção de ‘mente’ como uma entidade separada na qual ocorrem ‘processos’. No século XVIII Kant nos brinda a noção de filosofia como um tribunal da razão pura, sustentando ou negando as asserções do resto da cultura; mas essa noção Kantiana pressupunha aquiescência geral às noções lockeanas dos processos mentais e às noções cartesianas de substância mental.

Contraopondo a essas idéias, Rorty (1995, p. 144) informa que vai apoiar as afirmações comuns a Wittgenstein e Dewey

de que para pensar no conhecimento como apresentando um ‘problema’, e mais, um problema sobre o qual deveríamos ter uma ‘teoria’, é preciso encarar o conhecimento como uma reunião de representações – uma visão de conhecimento que, tenho argumentado, era um produto do século XVII. A moral a ser extraída é que se esse modo de pensar em conhecimento é opcional, então a epistemologia também é, e também a filosofia como tem sido compreendida desde a metade do último século.

O filósofo em questão continua sua crítica ao afirmar que a epistemologia moderna é uma tentativa de legitimação das nossas pretensões ao conhecimento do que é real, mas também uma tentativa para legitimar a própria reflexão filosófica – um persistente exercício, entre muitas razões, uma vez que o início da nova ciência deu gradualmente conteúdo à noção de conhecimento obtido por interrogação metodológica da natureza.

Um ponto forte que ainda se destaca na visão de Rorty (1995, p. 169) é quando ele declara:

O estágio seguinte é pensar que compreender como conhecer melhor é compreender como melhorar a atividade de uma faculdade quase-visual, o Espelho da Natureza, e assim pensar no conhecimento como uma montagem de representações exatas. Então vem a idéia de que o modo de ter representações exatas é encontrar, dentro do Espelho, uma classe privilegiada especial de representações

tão compulsivas que sua exatidão não possa ser posta em dúvida. Esses fundamentos privilegiados serão os fundamentos do conhecimento e a disciplina que nos dirige para elas – a teoria do conhecimento – será o fundamento da cultura. A teoria do conhecimento será a busca por aquilo que compele a mente a crer tão logo algo é desvelado. Filosofia – enquanto – epistemologia será a busca pelas estruturas imutáveis dentro das quais conhecimento, vida e cultura devem ser contidos – estruturas colocadas pelas representações privilegiadas que estuda. O consenso neokantiano aparece assim como o produto final de um desejo original de substituir *confrontação* por *conversação* como determinante de nossa crença.

Nessa ótica, Rorty vê a epistemologia associada a uma imagem da estrutura da mente exercitando no conteúdo empírico para produzir em si mesma elementos, pensamentos, representações de que, quando as coisas vão bem, espelham corretamente a realidade. Porém, Rorty considera que (1995, p. 176)

O ponto crucial desse argumento é que compreendemos o conhecimento quando compreendemos a justificação social da crença e, assim, não precisamos encará-lo como exatidão de representação. Uma vez que a conversação substitui o confronto, a noção da mente como Espelho da Natureza pode ser descartada. Então a noção de filosofia como a disciplina que procura as representações privilegiadas entre aquelas que constituem o Espelho torna-se ininteligível.

Amparado pelas críticas de Quine e Sellars aos mitos e dogmas, Rorty (1995, p 176) propõe, que “Se vemos o conhecimento como uma questão de conversação e de prática, antes que uma tentativa de espelhar a natureza, não seremos passíveis de visualizar uma metaprática que será a crítica de todas as formas possíveis de prática social”.

O Pensamento de Rorty na Concepção de Outros Autores

Para expor os argumentos centrais da filosofia rortiana, recorre-se ao **A filosofia e o espelho da natureza** (RORTY, 1995), ao dossiê **Richard Rorty e a filosofia da educação** (1997), **A filosofia e o futuro** (1997), assim como aos artigos de Costa (1995) e Soares (1997). O projeto rortiano pode ser dividido em Descrição de Rorty acerca dos seres humanos, Da subjetividade e Estratégias redescritivas. O novo modelo de subjetividade desse autor segue duas etapas estratégica, sendo a primeira resultante da aplicação de seu holismo e a segunda, da sua adoção do ponto de vista da terceira pessoa. O indivíduo humano, imerso completamente no natural, é observado pelo seu comportamento. As estratégias redescritivas – a redescrição – consistem numa tarefa de imaginação, ou seja, redescrever a nós, aos outros e ao mundo.

A proposta de Rorty é de uma filosofia com ‘f’ e não uma Filosofia com ‘F’.

Trata-se de uma filosofia que a educação e a política podem utilizar para construir uma retórica destinada a convencer, e não a forçar as pessoas. O objetivo desse autor segundo Ghiraldelli (1997.p.30), é

advogar a idéia de que os grupos oprimidos da sociedade só podem melhorar sua situação à medida que forem capazes de ter sobre si mesmos o que ele chama de autoridade semântica para poder inventar uma nova identidade moral para si mesmo.

Com vistas a subsidiar apresentação dos argumentos da filosofia contemporânea de Rorty, expõe-se a seguir as reflexões de Costa e Soares sobre o pensamento do autor em questão.

De acordo com Jurandir Freire Costa (1995, p.5-15), Rorty redescobriu o pragmatismo filosófico da cultura norte-americana. Fez suas as máximas de William James e Wendell Holmes: onde encontrar uma contradição, faça uma redescrição, a vida antes de ser lógica é experimento. Ainda segundo Costa, as idéias de redescrição e experimento transformaram-se no centro do seu pensamento e o alvo principal dos adversários.

Redescrição e experimento são apenas maneiras de afirmar que não podemos garantir que problemas e soluções atuais que estavam prontos ou podiam ser previstos no começo dos tempos ou no passado remoto da cultura. Isto não significa desconhecer o peso do passado como causa do presente. Significa que só podemos ver a marca do passado no presente quando dispomos de uma teoria de verdade que mostra a marca como causa ou razão do que importa discutir (1995, p. 5-15).

Para Costa, referindo-se a Rorty, só existem eventos sob descrição. É a descrição preferida do intérprete que será a mais adequada às suas convicções éticas e não a mais iluminada pela razão (p.5-15). Sendo assim, ele observa que agimos eticamente porque experimentamos saídas para dilemas, conforme uma dada tradição moral, e não porque conhecemos o lugar onde as palavras soldam-se ao supremo Bem (p.5-15). Costa, analisando as conseqüências do neopragmatismo, destaca que o valor da teoria não deriva exclusivamente de seu conteúdo, mas do uso feito na prática.

Soares (1997), por sua vez, ao analisar o pensamento de Rorty, no artigo **A revolução americana**, considera que

o alvo a que se dirige a crítica de Rorty são as filosofias da representação, fundacionalistas ou essencialistas, que pensam o conhecimento como correspondência à realidade e restauram, sucessivamente, ao longo dos séculos, a metafísica dos dualismos (universalismos-relativismos; objetivismo-subjetivismo; racionalismo-irracionalismo etc.) (p.5).

Esse autor diz que, para Rorty, o conhecimento não serve aos seus propósitos práticos porque é verdadeiro, mas que, ao contrário, dele dizemos ser verdadeiro porque serve aos nossos objetivos, funciona no contexto de metas e práticas em que o adotamos e o fazemos operar. A verdade, como os juízos éticos e estéticos, é um produto precário e provisório dos debates e embates tensos, agonísticos e incessantes, de atores históricos concretos, em contextos sociais determinados.

Ainda segundo Soares (1997) Rorty reiventa, ao elaborar seu discurso crítico, uma tradição – o pragmatismo– cujos pais fundadores foram William James, Charles S. Pierce e John Dewey. Na nova descrição da história da filosofia proposta por Rorty, ele incluirá, por um lado, autores provenientes de tradições diversas, como Sellars, Davidson, Nietzsche, Heidegger e Wittgenstein, por outro Quine, John Stuart Mill, Foucault e Derrida.

Em outro artigo, Costa (1997) acentua que Rorty renova o interesse pelo pragmatismo de James e Dewey sublinhando a concepção darwinista do sujeito e da linguagem. Considera ainda que ele propõe uma ‘teoria causal’ do conhecimento. Afirma que conhecer não é ‘representar’ alguma coisa para algo, pessoa ou função cognitiva. Mas, conhecer é lidar com informações ambientais que afetam os organismos. Lidar com informações significa alterar o estado de equilíbrio anterior à afetação, tendo ou não por finalidade a ‘adaptação’, que é um produto secundário da mutação ocasional do patrimônio genético ou da reação experimental do organismo vivo às exigências do meio. O conhecimento, portanto, é ‘causado’ por esta constante interação organismo/meio e o sujeito, um dos efeitos linguageiros dessa interação, sendo que todo conhecimento do que julgamos saliente e importante conhecer é contextual e relacional. O sentido dos termos, desta forma, está no uso que fazemos deles, em contextos sócio-culturais (1997, p.5-6).

Por fim, para a filosofia pragmatista frutificar tem que existir campo fértil para a polêmica, para o exercício da reflexão crítica e para a proliferação de projetos democráticos. O Pragmatismo é uma filosofia que, mesmo momentaneamente derrotada por absolutismos de qualquer espécie, por atos de força ou por adversários intelectuais, resiste, pois sua contribuição consiste em dar vida a polêmicas que buscam transformar o mundo por intermédio da inteligência, sem o que a humanidade torne-se menos humana.

Uma possibilidade de redescrição

Para o último tópico da minha proposta nesse artigo a minha intenção é lançar mão das estratégias redescritivas de Rorty como ferramentas para expor a crítica do autor e concomitantemente realizar um exercício de redescrição.

Nesse sentido, o que narro faz parte dessa tentativa de explorar alguns exemplos. Passei por várias etapas nesse processo de redescrição que relato a seguir:

Há muitos dias venho tentando escrever este texto, leio, reflito, falo com as pessoas e pouca inspiração aparece que me satisfaça. Depois do cansaço diário dormi preocupada com o tempo e o texto. Este passa e nada surge que me ajude a iniciar o meu processo criativo. Percebo que meu dilema é grande.

Eis que nessa madrugada, numa fração de segundos, sonho com a imagem de um slide com formato de uma peça de quebra-cabeça no qual estava um texto escrito em vermelho, azul e preto. No sonho aparecia um grande tabuleiro e nele as peças se encaixavam perfeitamente. Ao observar essa cena percebi, ainda no sonho que ela condizia perfeitamente com as idéias que quero desenvolver nesse artigo.

A imagem remetia a uma história, um fato, uma proposta dentro de outra história, um conhecimento dentro de outro conhecimento. Acordei e meus pensamentos pareciam um redemoinho de idéias. Pensei no computador como veículo e arquivos infinitos organizados com pastas e links diversos.

Nesse exercício de construção me veio também a lembrança da figura da boneca russa com seus múltiplos encaixes. A boneca é uma figura que ao ser aberta se mostra oca e ao mesmo tempo revela outra figura inteira de tamanho menor com as mesmas características da anterior que novamente e sucessivamente revela esse jogo do vazio e do cheio.

A outra conexão importante que quero mencionar é mensagem do livro **Meu nome é vermelho** no qual as narrativas vão se encaixando e formam outras histórias. Todas essas conexões me fizeram enxergar que tinha imagens preciosas e estas me davam a possibilidade de refletir e pensar a teoria do conhecimento nos moldes que Rorty propõe. Ou seja, por meio das estratégias redescritivas. A sensação era de alívio ao sentir com clareza que podia tecer todo esse processo de conhecimento de uma maneira inusitada. Imagens que estão aí na mente ou não e são apropriadas e dão origem a outras articulando coisas jamais pensadas.

Penso em vários objetos que facilitam e embelezam nossas vidas: o rádio, o cinema, os discos, o computador, a internet, o telefone, o celular. Quantas histórias, teorias, cálculos, estratégias e investimentos foram utilizados para que pudéssemos estar em condições de continuar forjando outras ligações epistemológicas improváveis como estas que agora mencionei.

Nesse processo de elaboração e reflexão em que desejo articular a crítica de Rorty e a aposta na redescrição, por acaso descobri um outro livro intitulado: **O livro dos abraços** de Eduardo Galeano. Surpreendentemente ao folheá-lo encontrei a seguinte história:

Na casa das palavras, sonhou Helena Villagra, chegavam os poetas. As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido.

Na casa das palavras havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo-sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho...

Rorty (2009) fala das disputas entre a filosofia e poesia, e, na sua concepção, as estratégias de autodescrever de modo diferente é uma tarefa dos grandes poetas. O poeta forte é aquele que quebra, inventa vocabulários novos, e, dessa maneira, tem uma liberdade maior e, como autor, produz com sua narrativa uma sensibilidade que o leitor não possuía. Sob a égide desse argumento, ele aponta o caminho da narrativa, da imaginação e da redescrição.

Em fina sintonia com o pensamento rortiano, outra ferramenta que auxilia e se articula com o que já foi mencionado é o enredo do filme ‘As mil e uma noites’, que cintila com a promessa de usar a palavra para obter a abertura de uma passagem para um lugar ou para a vida. As narrativas de As mil noites se referem a uma antiga tradição que conta como o rei Sheriyar ao descobrir que sua mulher o traía com um escravo cada vez que ele viajava, mata a ambos e convencido de que nenhuma mulher no mundo é digna de confiança, desposa a cada noite uma e depois de satisfeito os ‘prazeres do corpo’, manda executá-las.

Sherazade, filha do vizir, diz ao seu pai que deseja ser esposa do rei e se mantém firme mesmo diante dos seus apelos que, desesperado tenta dissuadi-la do que seria morte certa. Ela tinha planos para convencer o rei e se safar da morte.

Sherazade estava acostumada a ouvir histórias no mercado e se surpreendia com a habilidade do ‘contador’. Essa imagem fica evidenciada na segunda cena do filme quando este termina sua história, ela paga e se aproxima. O contador lhe pergunta: - ‘aqui de novo senhorita?’

-as pessoas ficam horas ouvindo-te e isso é um milagre!

-as pessoas precisam mais de palavras que de alimento. Elas nos contam como viver e por quê.

Em outra cena a filha casa-se com o rei e na primeira noite em que dorme com ele, põe em ação uma sábia estratégia: contar histórias para passar a noite em vigília. Quase tudo dá errado e por pouco ela não foi sacrificada. Diante dessa dificuldade na 5ª cena ela novamente procura o ‘contador de história’ e pede ajuda relatando o que tinha acontecido. Ele lhe diz:

- Eu conto histórias diferentes... Mas, se o público não interessa... Eles vão embora. Mas, se o seu público não se interessa... Você morre.

Ela comenta: - achei que seria fácil, mas não foi. Eu me perdi antes de começar. Ele retruca: - eu já disse que os primeiros momentos são vitais.

Ela continua: eu parei numa boa parte... com os ladrões entrando em Damasco, para matar Ali Babá. Então ele pergunta: - entrando como? Ela responde: - numa carroça. Ele – muito comum. Tem de ser algo mais exótico. Comece a história de novo. Prenda a atenção do público de novo.

Ela –como?

Ele – eu andava ontem à noite... na rua dos Suspiros...exatamente após o pôr-do-sol... Quando fiquei frente a frente... Com a morte. Sherazade pergunta: - ela veio buscá-lo? Ele lhe responde com outra pergunta. - Viu? Você se interessou. Ela retornou ao Palácio colocando em prática o que aprendeu. A continuação na cena 16 ela enfatiza que: ‘ o contador de histórias sempre disse: ‘histórias podem nos salvar! O que ele quis dizer foi ...elas podem nos salvar se usarmos nossa imaginação’. A frase narrada por Sherazade pode ser considerada a fonte que origina os liames que provoca a

ousadia de unir a imaginação, redescrição e a esperança de forjar possibilidades de criar liberdades jamais sonhadas.

Percebe-se na argumentação de Rorty que a palavra assume uma importância primordial na vida do ser humano. Ela pode ter um poder mágico que altera situações como nas narrativas de Sherazade (As mil e uma noites), que utiliza a curiosidade masculina para livrar-se da morte inventando histórias que deixam o sultão curioso e sentindo um imenso prazer ao ouvir as narrativas bem contadas pela sultana, que cria, por meio das palavras, um mecanismo que consegue o adiamento da sua execução. O uso da palavra alterou o comportamento do rei, e novas histórias foram tecidas.

REFERÊNCIAS

AS MIL E UMA NOITES. (versão de) Antoine Gallard; Tradução Alberto Diniz; apresentação de Malba Tahan. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

AS MIL E UMA NOITES. Direção: Steve Barron. Elenco. Mili Avital, Rufus Sewell, Jason Scott Lee. EUA, 2000. Duração: 150min. Gênero: Aventura.

COSTA, Jurandir Freire. A habilidade natural. In: *Caderno Mais! Folha de São de Paulo*, 12 de Outubro de 1997. P. 5-15.

_____. O interesse de Richard Rorty. In: *Caderno Mais!*, **Folha de São Paulo**, 21 de maio de 1995, p.5-15.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Trad. Eric Nepomuceno. 9ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. 270p.

GHIRALDELLI JR., Paulo **Richard Rorty. A filosofia do novo mundo em busca de mundos novos.** Petrópolis: Vozes, 1999. 127p.

_____. **Filosofia da educação.** {o que você precisa saber sobre...} Rio de Janeiro: ed. DP&A, 2000. 108p.

SOARES, Luiz Eduardo. A revolução americana. In: *Caderno Mais! Folha de São de Paulo*, 12 de Outubro de 1997. p.5

RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza.** Trad. Antonio Trânsito; revisão César Ribeiro de Almeida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p.193.

_____. **Filosofia como política cultural.** Tradução João Carlos Pijnappel. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 335.